

## CLIPPING

**Título:** Caixa perde espaço para rivais privados

**Veículo:** Jornal do Commercio

**Data:** 11.01.2019

**Enfoque:**  
Positivo ( ) Negativo ( ) Neutro (X)

**Caderno:** Opinião

**Página:** A2

**Link:** -

# Caixa perde espaço para rivais privados

Caixa Econômica Federal já pratica taxas de juros no crédito imobiliário superiores às dos concorrentes privados, o que fez com que o banco da habitação perdesse espaço nas operações com recursos da poupança, mais utilizadas pela classe média, no ano passado. No acumulado de 2018 até novembro, a participação da instituição pública caiu de 40,43% para 22,31%, conforme dados obtidos pelo Estadão/Broadcast, como resultado de uma política mais rígida para emprestar adotada pelo banco no intuito de reforçar seus indicadores de capital.

A redução da fatia da Caixa fica ainda mais evidente considerando que o financiamento imobiliário com dinheiro da caderneta, o chamado SBPE, cresceu no ano passado. Até novembro, foram concedidos R\$ 51,33 bilhões em novos financiamentos, ante R\$ 39,466

bilhões de igual período do ano passado. Enquanto o banco da habitação perdeu espaço, todos os concorrentes privados avançaram. O banco que mais ganhou mercado foi o Bradesco, cuja fatia passou de 18,21% em 2017 para 26,30%, considerando dados até novembro. Ao tomar posse na segunda-feira, o novo presidente da Caixa, Pedro Guimarães, disse que o foco "número 1" da instituição será atender a população de baixa renda e que a classe média terá de pagar mais para tomar recursos para a compra da casa própria no banco. "Não será juros do MCMV (Minha Casa Minha Vida), que é para quem é pobre. A classe média tem de pagar mais ou vai buscar no Santander, Bradesco, Itaú. Na Caixa, vai pagar juros maiores que Minha Casa Minha Vida, certamente, e vai ser juros de mercado. A Caixa vai respeitar acima de tudo mercado, lei da

oferta e da demanda", afirmou. Nesta terça-feira, no entanto, Guimarães negou que o banco vá aumentar os juros para a classe média. A Caixa já diferencia juros dos financiamentos imobiliários voltados às famílias mais pobres das operações direcionadas aos clientes de classe média. Dados do BC (Banco Central) mostram que os juros praticados pelo banco estatal nas linhas que concorrem com os privados -segmento conhecido como "taxas de mercado" - é o maior entre todas as instituições financeiras. Em novembro de 2018, a Caixa cobrou juros médios de 11,54% ao ano nos financiamentos imobiliários com juros de mercado. Foi o crédito mais caro entre os nove bancos que emprestaram recursos nessa operação naquele mês. O Banco do Brasil, por exemplo, cobrou taxa de 9,86% ao ano e o Bradesco praticou média de 9,34%. O Itaú

Unibanco foi o mais barato do mercado, com 8,66%. Conforme a série histórica do BC, a Caixa é a mais cara pelo menos desde 2015, ainda no governo Dilma Rousseff. Nas operações para baixa renda e juros regulados ocorre exatamente o contrário. Em novembro de 2018, a Caixa cobrou juros médios de 7% ao ano, o mais baixo entre as 12 casas que atuam no segmento. Nessa operação, o BB praticou juros de 7,79%, o Bradesco cobrou 8,86% e o Itaú teve média de 9,36% - a mais alta no ranking. O que despertou a preocupação da concorrência foi o anúncio, também feito na segunda-feira, de que a Caixa vai vender até R\$ 100 bilhões em operações de crédito imobiliário, em uma operação conhecida como securitização - em que os ativos são agrupados e convertidos em títulos que podem ser negociados no mercado de capitais.

## CLIPPING

**Título:** Caixa perde espaço para rivais privados

**Veículo:** Jornal do Commercio

**Data:** 11.01.2019

**Enfoque:**  
Positivo ( ) Negativo ( ) Neutro (X)

**Caderno:** Opinião

**Página:** A5

**Link:** -

# Medo do desemprego registra maior queda desde 1996

O Índice do Medo do Desemprego de dezembro de 2018, divulgado nesta quinta (10), caiu para 55 pontos –10,7 pontos a menos do que em setembro de 2018. A queda entre os meses foi a maior desde maio de 1996, quando começou a série histórica. A informação foi divulgada na pesquisa trimestral Medo do Desemprego e Satisfação com a Vida, da CNI (Confederação Nacional da Indústria).

#### Publicidade

Para o órgão, o resultado positivo reflete “o otimismo e a confiança” que a população

tem no recém-chegado governo de Jair Bolsonaro e ainda a “percepção crescente de superação da crise econômica”. Ainda assim, o indicador continua alto, acima da média histórica que é de 49,8 pontos.

“O otimismo aumentou, mas não podemos esquecer que a retomada da economia se mostra muito lenta e o desemprego continua elevado”, afirma o gerente-executivo de Pesquisas da CNI, Renato da Fonseca. A queda do medo do desemprego, segundo ele, deve ajudar a incrementar o consumo

### MEDO DO DESEMPREGO

#### EVOLUÇÃO



#### SATISFAÇÃO COM A VIDA



e, consequentemente, a produção. De acordo com a pesquisa, entre setembro e dezembro do ano passado, o medo do desemprego recuou em todas regiões do país. No entanto, a queda foi maior no Sul, onde o indicador caiu 16,9 pontos: passou de 62,7 pontos em setembro para 45,8 pontos em dezembro. A menor queda, de 8,3 pontos, foi registrada no Sudeste. Na região, o medo do desemprego diminuiu de 64 pontos em setembro para 55,8 pontos em dezembro. A pesquisa ouviu 2 mil pessoas em 127 municípios, entre 29 de novembro e 2 de dezembro do

ano passado. Além do medo do desemprego, também foi avaliada a satisfação com a vida dos brasileiros, que melhorou 2,7 pontos, em relação a setembro. Em dezembro, o indicador ficou em 68,6 pontos. O crescimento foi o maior desde maio de 1999.

Assim como o medo de desemprego, a satisfação com a vida aumentou, sobretudo, na região Sul, onde o indicador subiu 3,6 pontos, passando de 66,2 pontos, em setembro de 2018, para 69,8 pontos, em dezembro de 2018. No Nordeste, a alta foi de 3 pontos e o indicador alcançou 69 pontos no mês passado.

## CLIPPING

**Título:** Construção civil registra inflação de 4,41% em 2018

**Veículo:** IstoÉ

**Data:** 11.01.2019

**Enfoque:**  
Positivo ( ) Negativo ( ) Neutro (X)

**Caderno:** Geral

**Página:** Online

**Link:** <https://istoe.com.br/construcao-civil-registra-inflacao-de-441-em-2018/>

# Construção civil registra inflação de 4,41% em 2018

O Índice Nacional da Construção Civil (Sinapi), medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fechou 2018 com uma taxa de inflação de 4,41%, acima dos 3,82% de 2017. Com a alta, o custo nacional da construção por metro quadrado ficou em R\$ 1.113,88.

Os custos com materiais de construção ficaram 6,3% mais caros em 2018, passando a ser de R\$ 579,33 por metro quadrado. Já os gastos com mão de obra subiram 2,45% no período e passaram a custar R\$ 534,55 por metro quadrado.

Em dezembro, a inflação ficou em 0,22%, abaixo da taxa de 0,24% de novembro. O preço dos materiais cresceu 0,45% no mês enquanto o custo da mão de obra recuou 0,02%.

## CLIPPING

**Título:** Novo estilo de vida e custo fazem imóveis encolherem

**Veículo:** Gaúcha ZH

**Data:** 11.01.2019

**Enfoque:**  
Positivo ( ) Negativo ( ) Neutro (X)

**Caderno:** Opinião

**Página:** Online

**Link:** <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/01/novo-estilo-de-vida-e-custo-fazem-imoveis-encolherem-na-regiao-metropolitana-cjqsu8if00nt01ukkja9zb4f.html>

### TENDÊNCIA

## Novo estilo de vida e custo fazem imóveis encolherem

O progressivo encolhimento das moradias em [Porto Alegre](#), que ajuda a impulsionar o [aluguel de boxes de self storage](#) em razão da falta de espaço, pode ser explicado por recentes tendências econômicas e culturais que motivam a oferta de imóveis menores, com menos quartos e vagas de garagem.

A metragem média das unidades em prédios e condomínios caiu de 72 para 67 metros quadrados nos últimos cinco anos na [Região Metropolitana](#), enquanto a proporção de ofertas com três ou quatro dormitórios diminuiu de 30% para 11%. A possibilidade de utilizar vagas de garagem para guardar algum material também é cada vez menor: em 2013, todos os lançamentos ofereciam pelo menos uma vaga, mas no ano passado 19% deles não tinham nenhuma vaga, conforme pesquisa imobiliária realizada pelo Grupo Zap.

Vice-presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon), Juliano Melnick afirma que essa tendência — verificada também em outras metrópoles do país — se intensificou em meados da década passada, quando o acesso mais fácil a crédito e o programa Minha Casa, Minha Vida favoreceram a oferta de casas e apartamentos menores no mercado. Isso contribuiu para diminuir a média geral.

O aquecimento do setor entre 2007 e 2012 também levou a um aumento no custo da construção civil e a uma valorização do metro quadrado acima da inflação. Com preços mais salgados, é natural que tenham surgido uma demanda e uma oferta maiores por imóveis mais compactos e acessíveis.

Além das razões econômicas, novos padrões socioculturais também estão por trás do corte na metragem das casas em regiões como Porto Alegre.

— Há uma nova maneira de viver que favorece unidades com menos espaço. Os condomínios ganharam muita infraestrutura, muita área externa, o que permite fazer apartamentos menores — diz Melnick.

O dirigente do Sinduscon complementa:

— As novas gerações são mais despojadas e desapegadas, mais voltadas para o compartilhamento de espaços como no coliving, por exemplo. A área privativa vem diminuindo, enquanto aumentam as áreas de integração e lazer. Esses jovens de hoje não sonham tanto em ter uma casa grande, cara e difícil de manter, mas se contentam com um espaço menor desde que possam viajar mais, aproveitar mais a vida.



## SELF STORAGE ESTÁ CRESCENDO

A Associação Brasileira de Self Storage contabiliza



Essas empresas respondem por cerca de

**200**  
unidades  
de autoarmazenamento

O número de empresas cresce

**11%**  
**ao ano** no Brasil,  
apesar da crise

## MERCADO NOS ESTADOS UNIDOS



Entre os americanos,

**10%**  
da população  
aluga pelo  
menos  
um box



O mercado movimentou

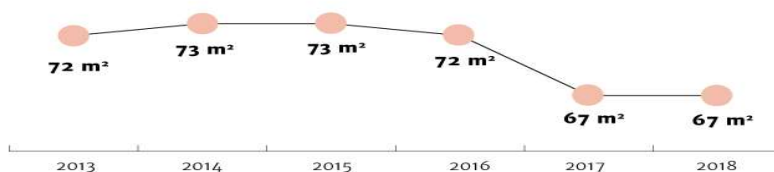
**US\$38**  
bilhões ao ano.

É o equivalente

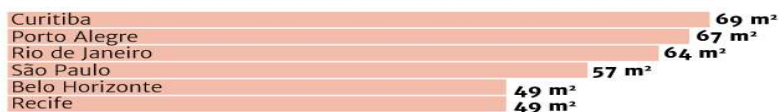
a cerca de  
**R\$ 140 bilhões**

## IMÓVEIS ESTÃO DIMINUINDO

Evolução da metragem média dos novos imóveis na Grande Porto Alegre



Comparação com outras regiões metropolitanas (média em 2018)



	Unidades lançadas por número de dormitórios		Unidades lançadas por número de vagas	
	2013	2018	2013	2018
<b>1 dorm</b>	5%	↑ 6%	<b>0 vaga</b>	0% ↑ 19%
<b>2 dorm</b>	66%	↑ 83%	<b>1 vaga</b>	70% ↑ 73%
<b>3 dorm</b>	29%	↓ 11%	<b>2 vagas</b>	26% ↓ 6%
<b>4 dorm</b>	1%	↓ 0%	<b>3 ou + vagas</b>	5% ↓ 2%

Fonte: pesquisa imobiliária do Grupo Zap

## CLIPPING

**Título:** Buscas por imóveis Minha Casa Minha Vida aumentaram em 40%

**Veículo:** G1

**Data:** 11.01.2019

**Enfoque:**  
Positivo ( ) Negativo ( ) Neutro (X)

**Caderno:** Economia

**Página:** Online

**Link:** <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/11/poupanca-tem-ganho-real-de-084-em-2018.ghtml>

# Poupança tem ganho real de 0,84% em 2018

**Desempenho da caderneta frente à inflação ficou abaixo dos dois anos anteriores.**

**Por Taís Laporta, G1**

11/01/2019 10h10 Atualizado há 6 horas

Com a **inflação oficial em 3,75%**, a caderneta de poupança teve ganho real em 2018, mas o desempenho foi inferior aos dois anos anteriores, segundo dados da provedora de informações financeiras Economatica.

A rentabilidade nominal da aplicação foi de 4,62% durante o ano. Considerada a inflação medida pelo IPCA, o ganho real para o poupador chegou a 0,84%, de acordo com a Anefac (Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade).

Desde 1999, quando o governo passou a adotar o IPCA como medida oficial para a inflação, o rendimento da poupança não superou o indicador em apenas dois anos: 2002 e 2015.

A rentabilidade da poupança ficou menor a partir de setembro de 2017, quando o

Banco Central reduziu a taxa básica de juros (Selic) de 9,25% para 8,25% ao ano.

Pela regra, toda vez que a Selic fica abaixo de 8,5%, a correção anual das cadernetas deve ser limitada a um percentual equivalente a 70% dessa taxa mais a variação Taxa Referencial (TR), que é calculada pelo BC.

Já quando a Selic está acima de 8,5% ao ano, o rendimento das cadernetas é limitado a 6,17% ao ano mais a TR.

### Melhor resultado desde 2013

Os depósitos feitos na caderneta de poupança superaram os saques em R\$ 38,2 bilhões em 2018. Foi o **melhor resultado para a aplicação desde 2013**, quando o saldo da poupança ficou positivo em R\$ 71,047 bilhões.

Ao longo do ano passado, os depósitos da caderneta somaram R\$ 2,252 trilhões e os saques, R\$ 2,214 trilhões.



